

Bullying: Programa de Prevenção da Violência entre Alunos no Ambiente Educacional

Área Temática de Educação

Resumo

Este projeto foi formulado com o intuito de diagnosticar um problema que vem ocorrendo em vários estabelecimentos de ensino. Esta ocorrência não é exclusiva de uma única instituição de ensino em particular, o bullying. Este é um problema que ocorre entre os alunos, e não entre a instituição e o aluno, e (ou) aluno e professor, mas sim, a forma de (in)disciplina violenta e silenciosa que atinge principalmente o corpo discente entre si. O principal objetivo é a redução ou eliminação deste problema sem que a instituição se torne um aparelho com mecanismos mais repressivos que os já existentes por sua própria natureza. Antes de iniciar a montagem do projeto, foi realizada uma pré-pesquisa acerca da agressividade dos alunos no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira a fim de se obter subsídios para o desenvolvimento de uma análise profunda das causas e efeitos deste tipo de prática entre os alunos. Com isso se espera desenvolver uma política que previna o bullying no IAp/CAP-UERJ, envolvendo a comunidade na discussão do problema e a introdução dos desdobramentos do projeto de extensão como parte do projeto político pedagógico da instituição.

Autor

Luciano dos Freitas.

Instituição

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Palavras-chave: bullying; violência; escola.

Introdução e objetivo

O olhar para com a criança e o adolescente no que se refere aos educadores se trilha a imparcialidade. Ser, o momento em que o sujeito pode se encontrar num estado-limite, em risco de pane, solicitando intervenções de natureza prática, ética e clínica. Entretanto outros campos de estudiosos enfatizam a posição subjetiva na adolescência, a especialistas entendem como um momento de crise, caracterizado pela rebelião contra as gerações anteriores e contra os valores tradicionais. A pane no âmbito dos pensamentos, dos investimentos e na diferenciação entre o discurso e o agir, o objetivo e o subjetivo, o pequeno outro e o grande Outro, entre o passado, o presente e o futuro, o familiar e o social. Mas o mais fundamental em relação a esse momento de crise é que é o momento na existência em que se verifica a tendência a agir como solução para a crise. Essa tendência implica uma forma de agir que, embora o senso comum conote como um agir sem pensar, é na verdade um pensamento que muitas vezes conduz ao pior.

A agressividade entre crianças e adolescentes parece estar aumentando, porém este comportamento pode ser resultado de uma conduta menos repressiva em relação a este fenômeno. O outro lado, os adolescentes podem estar mais violentos como resposta à violência estrutural da sociedade.

Conceitualmente, a violência pode ser considerada toda ação danosa à vida e à saúde do indivíduo, caracterizada por maus-tratos, cerceamento da liberdade ou imposição da força.

A criança e o adolescente. Sua maior vulnerabilidade e dependência são vítimas freqüentes de atos abusivos.

Autores da linha psicanalítica tentaram identificar aspectos determinantes da agressividade na adolescência. Alguns consideram que o problema acontece devido a uma carência emocional experimentada pelo jovem que se sente ferido; outros acreditam que a criança não teve fixados os seus limites. Perceberam que crianças e adolescentes expostos ao abandono emocional, ou submetidos à intensa ansiedade gerada pelo ambiente competitivo, pode apresentar conduta agressiva.

Dentro de todo o debate sobre violência e agressividade entre os jovens, não se pode deixar de fora a discussão sobre a violência no interior da escola. O presente projeto vem discutir esta questão não de forma ampla e genérica e sim de forma específica em um olhar do ato em si entre alunos, o bullying, caracterizado como um conjunto de comportamentos por onde o aluno pratica as mais diversas formas de violência física e psicológica, além de atos de (in)disciplina que passam da simples intimidação a ataques físicos, aqui estão citadas algumas das formas em que se encontra o aluno vítima deste tipo de agressão silenciosa dentro de uma instituição de ensino: Ofensas verbais, impérios, blasfêmias, insultos, Olhar ameaçador, obrigar os outros a aceitar a sua opinião ou impor a alguém a sua vontade, Ataque físico, safanão, encontros, carolos, espancamento, ameaça com armas, Comentários maldosos, ofensas verbais, insultos, crueldade psicológica, ameaças, agressão física, assédio, ostentação física, calúnia, exclusão, ostracismo, perseguição, assassinio ofender, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, dominar, agredir verbalmente, chutar, empurrar, ofender, “zoar”, “gozar”, “encarnar”, humilhar, discriminar, excluir, isolar, ignorar, roubar pertences ou quebrá-los entre outros. Este é um comportamento a ser tratado, que está encarnado nas formas de atitudes agressivas, intencionais e repetida, ocorrendo sem ou com motivação banal, adotada por um ou mais estudantes contra outro(s), causando os mais variados tipos de sentimentos desagradáveis ao ser humano como, dor, angústia, medo, entre outros. São atitudes executadas dentro de uma relação desigual de poder e resistência, portanto, os atos repetidos entre iguais e o desequilíbrio de poder são as características essenciais que tornam possível a intimidação da vítima. As vítimas de intimidação e chantagem recorrente do bullying são normalmente alunos sem defesas, incapazes de motivar responsáveis e professores para agirem em sua defesa. Trata-se de um problema que afeta as nossas escolas e comunidades, estando inserido em vários setores da nossa sociedade. As sondagens escolares mostram que existe bullying em vários países. O padrão de incidência difere pouco de país para país, e a incidência do bullying, devido às diferentes formas de medição e definições, às respostas socialmente desejáveis, entre outros fatores, há resultados internacionais que devem ser considerados.

Os estudos sobre a prática do Bullying começaram a se iniciar com os trabalhos do Professor Dan Olweus, na Universidade de Bergen – Noruega (1978 a 1993) e com a Campanha Nacional Anti-bullying nas escolas norueguesas (1993). No início dos anos 70, Dan Olweus iniciava investigações na escola sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora não se verificasse um interesse das instituições sobre o assunto. Já na década de 80, três rapazes entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio. Estes incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de bullying, despertando, então, a atenção das instituições de ensino para o problema. Olweus pesquisou inicialmente cerca de 84.000 estudantes, 300 a 400 professores e aproximadamente 1000 responsáveis entre os vários períodos de ensino.

A instituições que trabalham ou já trabalharam com o tema admitem que os jovens que praticam o bullying têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos anti-sociais e/ou violentos, podendo vir a adotar, inclusive, atitudes delinquentes ou criminosas.

Os danos ao aluno podem ser sem precedentes: muitos passam a ter baixo desempenho escolar, resistem ou recusam-se a ir para a escola, chegando a simular doenças, trocam de colégio com frequência, ou até abandonam os estudos. Há jovens que em situação de extrema depressão, acabam tentando ou cometendo o suicídio. As testemunhas, representadas pela grande maioria dos alunos, convivem com a violência e se calam em razão do temor de se tornarem as "próximas vítimas". Apesar de não sofrerem as agressões diretamente, muitas delas podem se sentir intimidadas com o que vêem e inseguras sobre o que fazer. Algumas reagem negativamente diante da violação de seu direito de aprender em um ambiente seguro, solidário e sem temores. Todos estes fatos podem influenciar negativamente sobre sua capacidade de progredir acadêmica e, socialmente. A pesquisa mais extensa sobre bullying, realizada nos E.U.A, registra que 37% dos alunos do primeiro grau e 10% do segundo grau admitem ter sofrido bullying, pelo menos, uma vez por semana

Alguns dos casos de reações negativas sobre o bullying foram citados na imprensa, se tornaram famosos nacionalmente e internacionalmente como o ocorrido na cidade de Taiúva, interior de São Paulo, no início de 2003, o aluno, que era constantemente alvo de bullying, entrou armado com um revólver 38 carregado com seis balas e uma caixa com 90 projéteis, Edmar Aparecido Freitas, de 18 anos, invadiu a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Coronel Benedito Ortiz e atirou em seis alunos, em uma professora e o caseiro. Em um outro episódio, retratado pelo cineasta Michael Moore, retratou a tragédia da escola localizado no condado de Littleton, o colégio Columbine, onde dois alunos também vítimas de bullying, Dylan Klebold e Eric Harris pegaram as armas dos pais e mataram 14 estudantes e um professor no refeitório, tais casos merecem reflexão.

Somente realizando uma pesquisa no interior do CAP e, comparando com dados de outras análises, podemos avaliar a demanda da instituição por um programa que previna e trate, a partir de um diagnóstico do problema.

A principal justificativa para se criar um projeto para prevenir ou combater o bullying no CAP/IAP-UERJ foi justamente os resultados da pesquisa realizado no ano de 2004 avaliando a agressividade dos alunos, pelo qual os alunos responderam um questionário adaptado ao modelo do professor Olweus, em que o resultado foi de que 40% dos alunos admitiram que já praticaram algum ato de agressão a outro aluno dentro do instituto.

No ano de 2003, a Associação Multiprofissional de Proteção a Criança e o Adolescente em parceria com a PETROBRAS, realizou uma pesquisa com 5.875 alunos, entre 10 e 19 anos, da 5ª a 8ª série de 11 escolas do município do Rio de Janeiro, entre elas 9 municipais e 2 particulares, da zona sul e norte, teve o resultado de que 40,5% dos alunos entrevistados admitiram estar envolvidos em casos de bullying, no qual 16,9% eram alvos deste tipo de agressão, 10,9% se caracterizavam como vítimas e autores, 12,7% como autores, o que demonstra que o índice de agressividade dos alunos em convívio escolar é consideravelmente alto.

Nos estudos noruegueses utilizou-se um questionário proposto por Olweus, consistindo de um total de 25 questões com respostas de múltipla escolha, onde se verificava a frequência, tipos de agressões, locais de maior risco, tipos de agressores e percepções individuais quanto ao número de agressores (Olweus, 1993a). Este instrumento destinava-se a apurar as situações de vitimização/agressão segundo o ponto de vista da própria criança e adolescente possibilitando assim, o estabelecimento de comparações interculturais. Os primeiros resultados sobre o diagnóstico do bullying foram informados por Olweus (1989) e por Roland (1989), e por eles se verificou que 1 em cada 7 estudantes estava envolvido em caso de bullying. Em 1993, Olweus publicou o livro "bullying at School" apresentando e discutindo o problema, os resultados de seu estudo, projetos de intervenção e uma relação de sinais ou sintomas que poderiam ajudar a identificar possíveis agressores e vítimas. Essa obra deu origem a uma Campanha Nacional, com o apoio do Governo Norueguês, que reduziu em

cerca de 50% os casos de bullying nas escolas. Sua repercussão em outros países, como o Reino Unido, Canadá e Portugal, incentivou essas nações a desenvolverem suas próprias ações.

O principal problema é como reduzir, prevenir, evitar sem que a instituição encarne práticas repressoras, entender como os Docentes observarem o problema diante de e como podem tomar alguma atitude sem conhecer o assunto em si. O projeto trata de inquietações acerca de um fenômeno que, ultimamente, afeta o desempenho dos alunos de todos os níveis da educação básica, e não surge na escola por si só, mas sim por uma competição desenfreada de toda uma sociedade voltada para o consumismo, elitismo, supérfluo, descartável, ignorância e outros pejorativos, mas que servem para caracterizar este capitalismo desumano do mundo e de nosso país.

Pretende-se com este trabalho superar as corriqueiras metodologias emergenciais, e tornar o CAP/IAP-UERJ uma instituição mais humana, sociável, com um ambiente agradável para todas as crianças e jovens, por onde se possa exercer seu papel social, sem maiores problema

Uma das principais questões é, envolver toda a comunidade, ou seja, funcionários técnico-administrativos, professores, alunos, famílias, e tornando parte do problema uma meta a ser superada no projeto político pedagógico da instituição, dar ciência a toda a comunidade (professores, alunos, família) do CAP da existência do bullying, criar mecanismos que reduzam e previnam este tipo de pratica comum em outras escolas.

Utilizar um plano de ação, entendido como monitoramento reflexivo da reprodução social. O conceito de violência, muitas vezes, é usado de forma indiscriminada para referir-se a agressões, incivildades, hostilidades e intolerâncias. Ainda que na perspectiva ética geral, ou dos sentimentos da vítima, há que cuidar, principalmente quando se lida com crianças e jovens, dos limites conceituais, já que no plano de recomendações e políticas é importante conceituar de forma criteriosa, por isso, não se trata de tratar a violência escolar de uma forma simplista.

Metodologia

Ao fazer uma investigação, é de extrema validade para conhecer o problema para solucioná-lo, a partir de uma análise dos dados baseada em uma busca teórica dentro de uma perspectiva apresentar soluções ao problema.

A solução para tal, só se pode obter através de um planejamento detalhado do que se ira obter durante a execução da pesquisa de campo, desenvolvida em cada passo do projeto.

1ª etapa; Levantamento bibliográfico; encontrar documentos de corpo teórico que tem como finalidade o estudo do bullying. Análise de como a bibliografia pode ajudar a entender o bullying solucionando problema no CAP. Focalizar no material a relação do conhecimento aos casos de bullying no CAP/IAP-UERJ. 2ª etapa; Questionário de pesquisa para os alunos e professores para criar a possibilidade de se identificarem casos de bullying. Identificar no espaço físico da escola por meio de um mapa por um segundo questionário as zonas onde se mais ocorrem casos de bullying para que se possa criar uma política física de prevenção ao problema, seguindo a seguinte metodologia; branco para as zonas onde se sente seguro, amarelo as zonas onde algumas vezes se sente inseguro, vermelho as zonas onde se sente inseguro sempre. 3ª etapa; avaliar a criação de uma política ant-bullying, sem que seja repressiva, criar mecanismos de apoio às vítimas de intimidação bullying, discutir para com a comunidade do CAP um dia de debates acerca da violência,criar condições para se identificar alvos e vítimas de bullying, avaliar por intermédio de um terceiro questionário o entendimento que os alunos têm sobre o bullying no CAP. 4ª etapa; a partir da análise dos resultados finais, propor uma modificação no projeto político pedagógico do CAP, partindo de uma comissão formada por professores, inspetores e alunos representantes de turma e do

Grêmios, basear todas as atividades desenvolvidas, ressalvado a LDB e Estatuto da Criança e do Adolescente, apresentar o estudo e o resultado em Seminário, Congresso, Encontro etc., sobre as atividades ocorridas e as implicações teóricas e práticas. 5ª etapa; criar uma série de critérios, para o atendimento a alunos alvo e autores de bullying.

Resultados e discussão

O projeto ainda se encontra em fase de implementação, mas os resultados a se esperar são somente a redução da agressividade dos alunos que não surge por fatores da própria instituição de ensino, e sim da sociedade em sua totalidade, o projeto visa a redução e a educação e reeducação, além da identificação e o encaminhamento para tratamento especializado de vítimas e agressores.

Temos que ter o entendimento que todos os elementos que encarnam a violência que assola a humanidade é simbolizados, personificados, introduzidos ou qualificados sejam subjetivamente ou objetivamente nos mais variados segmentos, elementos, produtos, identidades que movem ou constituem a nossa sociedade, trazendo variados efeitos em nossas instituições de ensino.

Freud afirmava que o instinto de morte é parte de um dos instintos naturais do ser humano, Hegel defendia a tese de que entre a cultura e a natureza não haveria uma cisão em si, e que a cultura em si é um processo histórico em que o homem domina a realidade, da mesma forma que Marx analisou o fenômeno da violência como um elemento em que não era inerente ao homem, sendo mais um fato social de relacionamento perfeitamente superável.

A agressividade pode ser interpretada como um instinto primitivo, “Depois de muito hesitar e vacilar, decidimos presumir a existência de apenas dois instintos básicos, Eros e o instinto destrutivo. (O contraste entre os instintos de autopreservação e a preservação da espécie, assim como o contraste entre o amor do ego e o amor objetal, incidem dentro de Eros.) O objetivo do primeiro desses instintos básicos é estabelecer unidades cada vez maiores e assim preservá-las — em resumo, unir; o objetivo do segundo, pelo contrário, é desfazer conexões e, assim, destruir coisas” (Freud, in cd-rom).

Se for possível que vítimas de fome e de miséria assumam uma postura abúlica, ou seja, inofensiva diante da realidade, é possível também que a carência de outros bens sociais - tais como moradia, condições de higiene e saúde, acesso a direitos, às condições dignas de trabalho e exercício da cidadania - seja suficiente para reunir as condições necessárias à emergência de significantes inconscientes, refratários ao pacto social, às regras que garantem as lutas institucionais. O tráfico e a delinquência permitem outras estruturas das relações de poder, abrem as portas para pactos mais bárbaros, mais propensos ao domínio de territórios e de grupos pelo uso da força bruta. Porém, o que dizer de jovens de classe média que, com todas as condições e atributos materiais, sentimentais espirituais, culturais, praticam um tipo de comportamento destrutivo a outro indivíduo de sua sociedade.

A violência é, assim, linguagem, prática e, teórica, possível que se assume nas demais manifestações de cada um e as legítimas. Ela organiza as relações de poder, de território, de autodefesa, de inclusão e exclusão e constrói e destrói, se tornando um paradigma, tudo isso cria novos hábitos e âmbitos, que a cada momento tem que ser tratado.

O pensamento de que o motivo de toda (in)disciplina e falta de limites não pode ser totalmente atribuído a falta de limites da educação familiar, ou estabelecimento de regras, o fato de falta de inserção nas regras de convivências, disciplinares entre outras, não é o motivo para o comportamento considerado inadequado de hoje, os códigos dos adolescentes são muito mais severos que os nossos e em muitas das vezes sem exceção.

A moralização dos hábitos dos alunos pode ser considerada como desvio pedagógico ”O conhecimento, que é o objeto exclusivo da ação do professor. O âmbito de atuação do professor é o essencialmente pedagógico. Portanto, ater-se ao seu campo de conhecimento e

suas regras particulares de funcionamento, nunca à moralização dos hábitos, é uma medida fundamental” (Aquino, pp. 181 a 204a).

A instituição escolar, e o espaço que apresenta alternativas a cultura degeneratória da sociedade contemporânea "A instituição escolar não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências de opressão, de violência, de conflitos, advindas do plano macroestrutural. É importante argumentar que, apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina" (Guimarães p. 77).

Conclusões

Entendendo que a violência se mantém como um elemento presente em toda a história do homem, e mais presente do que nunca na sociedade contemporânea, hoje as nossas escolas não poderiam estar fora do alcance.

O projeto visa em seu final desenvolver diretrizes e competências para a prevenção e identificação do bullying, no CAP/IAP-UERJ, por onde se identifique quem pode estar sendo vítima deste tipo de agressão silenciosa, e quem pratica, entendendo que neste tipo de fenômeno, não existe um culpado, e sim que todos são vítimas tanto quem pratica e quem é alvo.

Referências bibliográficas

AQUINO, Julio Groppa. Confrontos na sala de aula: Uma leitura institucional da relação professor-aluno. São Paulo: Summus, 1996a.

_____. "A indisciplina e a escola atual". Rev. Fac. Educ., jul./dez. 1998, vol.24, no.2, p.181-204.

_____. "A desordem na relação professor-aluno: Indisciplina, moralidade e conhecimento". In: _____ (org.). Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996b, pp. 39-55.

_____. "Ética na escola: A diferença que faz diferença". In: _____(org.). Diferenças e preconceito na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998, pp. 135-151.

FREUD, S. (1923): Obras completas (in cd-rom). Buenos Aires, Imago Editora, 1990.

GUIMARÃES, A.M. "Indisciplina e violência: ambigüidade dos conflitos na escola". In: AQUINO, J.G. (org.). Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996b, pp. 73-82.

LACAN, J. (1932). Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade. Rio de Janeiro, Forense, 1987.

OLWEUS, DAN. Bullying at School: What We Know and What We Can Do. Malden, Mass.: ackwell Pub-lishers Ltd., 1993